

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS  
BACHARELADO INTERDISCIPLINAR EM CIÊNCIAS HUMANAS

Kevin Pereira Puga

**CIBERESPAÇO E AS NOVAS RELAÇÕES DE DOMINAÇÃO, EXPLORAÇÃO E  
DEPENDÊNCIA**

Artigo apresentado ao Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas, da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel (Trabalho de Conclusão de Curso). Orientador: Prof. Dr. Leonardo de Oliveira Carneiro

Juiz de Fora  
2018

## **DECLARAÇÃO DE AUTORIA PRÓPRIA E AUTORIZAÇÃO DE PUBLICAÇÃO**

Eu, **KEVIN PEREIRA PUGA**, acadêmico do Curso de Graduação Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas, da Universidade Federal de Juiz de Fora, regularmente matriculado sob o número 201473039A, declaro que sou autor do Trabalho de Conclusão de Curso intitulado **CIBERESPAÇO E AS NOVAS RELAÇÕES DE DOMINAÇÃO, EXPLORAÇÃO E DEPENDÊNCIA**, desenvolvido durante o período de 10/08/2018 a 15/11/2018 sob a orientação de Leonardo de Oliveira Carneiro, ora entregue à UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA (UFJF) como requisito parcial a obtenção do grau de Bacharel, e que o mesmo foi por mim elaborado e integralmente redigido, não tendo sido copiado ou extraído, seja parcial ou integralmente, de forma ilícita de nenhuma fonte além daquelas públicas consultadas e corretamente referenciadas ao longo do trabalho ou daquelas cujos dados resultaram de investigações empíricas por mim realizadas para fins de produção deste trabalho.

Assim, firmo a presente declaração, demonstrando minha plena consciência dos seus efeitos civis, penais e administrativos, e assumindo total responsabilidade caso se configure o crime de plágio ou violação aos direitos autorais.

Desta forma, na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Juiz de Fora a publicar, durante tempo indeterminado, o texto integral da obra acima citada, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação do curso de Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas e ou da produção científica brasileira, a partir desta data.

Por ser verdade, firmo a presente.

Juiz de Fora, 15 de Novembro de 2018.

---

**Kevin Pereira Puga**

**Marcar abaixo, caso se aplique:**

Solicito aguardar o período de (  ) 1 ano, ou (  ) 6 meses, a partir da data da entrega deste TCC, antes de publicar este TCC.

# CIBERESPAÇO E AS NOVAS RELAÇÕES DE DOMINAÇÃO, EXPLORAÇÃO E DEPENDÊNCIA

Kevin Pereira Puga<sup>1</sup>

## RESUMO

O trabalho tem a proposta de efetuar uma melhor compreensão dos resultados de um mundo predominado pelas redes digitais, investigando as novas formas de dominação, exploração e dependência que surgem simultaneamente com a evolução do ciberespaço, julgando que essas são determinantes na concepção do ser humano na sociedade. No aspecto da dominação, veremos como o estado e os governos se comportam e se utilizam dos novos mecanismos de comunicação para a manter o poder e a submissão de seus indivíduos perante ele. No quesito de exploração, serão averiguadas como o âmbito do trabalho se altera e reinventa, as novas atividades que despontam e assumem papéis essenciais em nossas rotinas. Por fim, veremos como cada vez mais nos tornamos dependentes de estarmos conectados, considerando a internet como o principal meio para se exercer atividades indispensáveis de nossas vidas, e os prejuízos e efeitos danosos que seu uso desmedido pode trazer. A intenção neste artigo de debater, a partir de uma análise situacional da inclusão digital, do uso das redes sociais, de computadores pessoais e de smartphones, as transformações no modo de se relacionar do ser humano, seja com o próximo ou com a realidade em seu entorno e o quanto esses novos dispositivos influenciam no devir de nossas culturas.

**Palavras Chaves:** Internet, Tecnologia, Ciberespaço, Rede Social.

## INTRODUÇÃO

Vivemos, hoje, num mundo hiperconectado, tempos de grande mobilidade, de fluxos de informação quase que instantâneos e de relações mediadas por meios de aparelhos eletrônicos. Um cenário que já vinha se desenhando desde meados da década de 1980, o que levou muitos escritores e roteiristas a imaginar como seria o nosso futuro e até que ponto os aparatos tecnológicos seriam apenas ferramentas utilizadas por nós, humanos, para gerar facilidades e comodidades em nossas vidas, ou se esses aparatos viriam um dia a nos dominar por completo, e chegaríamos num estado de total subordinação às máquinas e padronização humana, casos onde não seria mais apenas uma escolha estar globalmente conectado.

Um dos autores que propõe um pensamento crítico acerca dessas novas tecnologias é Pierre Levý, que define os conceitos de ciberespaço e cibercultura, dos quais utilizarei para nortear este trabalho. As obras consultadas datam do final do século XX, então também tentarei realizar uma modesta atualização das perspectivas sobre o tema.

O termo [ciberespaço] especifica não apenas a infraestrutura material da comunicação digital, mas também o universo oceânico de informação que ela abriga, assim como os seres humanos que navegam e alimentam esse universo. Quanto ao neologismo 'cibercultura', especifica aqui o conjunto de técnicas (materiais e intelectuais), de práticas, de atitudes, de modos de pensamento e de valores que se desenvolvem juntamente com o crescimento do ciberespaço (LÉVY, 1999).

Válido ressaltar, segundo o autor, as características fundamentais para a compreensão tanto deste novo espaço como dessa cultura emergente, que trazem uma grande novidade nos aparelhos comunicacionais, pois permite que coletividades construam de forma progressiva e cooperativa contextos comuns, diferentemente de formas de comunicação antecessoras como telefônica (dispositivo um-um) e televisiva (um-todos), a comunicação digital apresenta um dispositivo todos-todos, onde todos são

1 Graduando em Ciências Humanas pela Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF. E-mail: [kevin.ppuga@gmail.com](mailto:kevin.ppuga@gmail.com). Artigo apresentado ao Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel. Orientador: Prof. Dr. Leonardo de Oliveira Carneiro

potencialmente emissores e receptores de informação, ponto chave que alavanca as transfigurações culturais e hoje serve, como sabiamente previu o autor, de suporte para uma memória da humanidade (a maioria das pessoas relata os acontecimentos de suas vidas nas redes sociais, desde os mais fúteis até os de vital importância, milhões de imagens e vídeos compartilhadas por minuto registrando qualquer tipo de situação do dia a dia, *upload* dos estudos, artigos e relatórios acadêmicos, isso só relatando os casos mais comuns).

Outro aspecto importante, é a concepção de o ciberespaço ser um local universal, porém sem totalidade, pois o conteúdo daquilo que o habita está sempre fragmentado e emaranhado numa malha de links e referências, a informação não se articula mais na possibilidade de atingir uma totalidade, mas sim de continuar um processo de incessante interatividade. Diante de tal multiplicidade e cruzamento de tempos, valores e perspectivas, percebemos presentes na cibercultura particularidades específicas daquilo que sociólogos contemporâneos como Bauman (2001) apontam como *pós-moderno*: navegando na rede, nos é aberta uma infinidade de possibilidades e escolhas, principalmente de consumo ou solução de problemas (seja qual for), o que gera um predomínio do sentimento de individualidade e uma angústia por sempre se sentir incompleto, necessitado de inovação.

De acordo com o site Internet World Stats<sup>2</sup>, o número de pessoas utilizando a internet ao redor do mundo passou de 558 milhões de pessoas em abril de 2002, para 4,208 milhões em junho de 2018. Cerca de duas décadas e meia atrás apenas 8,6% da população mundial tinha acesso à internet, hoje a proporção já chega a 55,1%. Estamos lidando com um crescimento exponencial de um novo espaço, que já faz parte da vida de mais da metade de todos seres humanos, nunca tanta informação foi transmitida em tão pouco tempo para tantos lugares diferentes, e isso certamente implicará em mutações na condição humana de um modo integral, atingindo todas as nuances de sua existência.

Tamanho aumento na inclusão digital, se deve às mudanças no modo de acessar a rede. Retomando nosso olhar para poucas décadas anteriores, o acesso ao ciberespaço era basicamente exclusivo através de computadores pessoais ou então computadores de corporações ou órgãos estatais. Atualmente, esta rede já se espalha pelos mais diversos instrumentos do cotidiano humano, através dos chamados *gadgets* (aparelhos eletrônicos criados para ajudar em alguma situação ou vontade qualquer), ou seja, cada vez mais objetos que utilizamos normalmente terá sua versão conectada, desde nossas vestimentas, até nossos meios de transporte, e provavelmente muitas dessas versões conectadas se tornarão as principais, se não as únicas.

O *gadget* essencial que impulsiona essa expansão da rede é o *smartphone*, que na atual década se tornou o principal meio de acesso aos usuários da internet, o sucesso deste dispositivo é devido a vários fatores, entre eles: redução do tamanho do aparelho, renovação da interface para um uso de intuitivo (de fácil aprendizado) e constante baixa nos custos de fabricação de novos modelos. Logo, é um instrumento bem mais acessível do que computadores pessoais, também é bastante prático e possível de ser levado consigo a todos lugares, além de possuir diversos serviços (que continuam se inovando desenfreadamente) reunidos em um único objeto como: chamadas de voz, redes sociais, mensagens de texto, reprodução e compartilhamento de vídeos e áudios, serviços bancários e pagamentos, diagnóstico de saúde entre outra infinidade de coisas. O *smartphone* é o hardware de consumo que se espalhou mais rápido pelo mundo, segundo artigo do ExtremeTech (ANTHONY, 2012). Locais que ainda não tinham acesso às infraestruturas básicas de comunicação, hoje tem condição de terem *smartphones*, tornando-os assim, os maiores propagadores da cibercultura. Conforme a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua do IBGE, realizada em 2016, 94,6% dos internautas acessa a rede através de seus aparelhos celulares e 63,7% de computadores pessoais, dados que confirmam a hegemonia do uso de tais aparelhos para se conectar.

Segundo Clay Shirky, um escritor e pesquisador dos efeitos econômicos e sociais das tecnologias da internet, o *smartphone* é a primeira tecnologia no mundo, que em milhares de anos, o homem passa a carregar em seus bolsos, junto com chaves e moedas, e provavelmente virá a substituir estes dois (SHIRKY, 2015).

## 1. DOMINAÇÃO

<sup>2</sup> Disponível em: <[www.internetworldstats.com/stats.htm](http://www.internetworldstats.com/stats.htm)> Acesso: 15 set 2018

Popularmente se diz que a internet nos traz uma liberdade sem precedentes, através dela podemos realizar diversas tarefas em questões de segundos, que antes demandava nossa locomoção física e certo tempo (fazer compras, enviar relatórios, acessar livros, comandar máquinas), além de sentirmos um imenso poder devido à quantidade de informações que podemos buscar, usando apenas uma simples ferramenta de pesquisa, e tudo isso, na maior parte das vezes, gratuitamente. Ora, isso realmente nos dá uma sensação de liberdade enorme, como aprender um novo ofício ou habilidade simplesmente dedicando algum tempo a reunir informações espalhadas na rede sobre o tema, nos comunicar à qualquer instante com pessoas queridas independente de onde estas estejam, desde que seja um lugar com acesso à web, e expressar nossa opinião publicamente e livremente nas redes sociais. Enfim, uma infinidade de novas possibilidades que nos fazem sentir livres para pensar à frente das limitações de nossas localizações geográficas, núcleos familiares, instituições religiosas, entre outras coisas que antes eram determinantes de nosso modo de viver.

O setor financeiro de tecnologia assume atualmente a liderança em vários quesitos, detém as empresas mais valiosas e é administrada por parte da população mais rica do planeta. Percebemos uma hegemonia de poucas empresas que dominam o ciberespaço, grande parte dos sites mais visitados do mundo, por exemplo, pertencem à Google, e as redes sociais mais utilizadas, são do Facebook. Elas oferecem uma diversa gama de serviços e produtos personalizados e interligados, possuem poderosos sistemas de anúncios e prestam suporte para inúmeras plataformas e ferramentas. Dessa forma, para poderem ter tamanha abrangência na internet, utilizam da coleta massiva de dados de seus usuários para aperfeiçoamento dos seus produtos.

Ao usufruir de cada recurso oferecido por tais companhias, o usuário deixa um vestígio de si (informações sobre sua navegação na rede). Crescentemente vários elementos de nossa vida perpassam pelo mundo digital, a quantidade de dados só aumenta, nisso manifesta-se o tópico da *big data*, que é este processamento em larga escala dos dados deixados por nós ao utilizarmos os serviços disponibilizados na *web*. Esses dados são utilizados para múltiplos fins, e recentemente tem-se discutido sobre as consequências desse fenômeno, como a exposição pessoal excessiva, a manipulação de opiniões em massa e até um possível fim da privacidade.

Ainda nessa análise, é válido destacar e comentar os principais pontos presentes nos termos de serviço e política de dados das empresas anteriormente citadas, transcreverei aqui as partes que considere essenciais para a discussão sobre quais dados são coletados, retiradas dos sites oficiais de ambas empresas:

#### **Facebook 3:**

Informações e conteúdos que você fornece. Coletamos o conteúdo, comunicações e outras informações que você fornece quando usa nossos produtos, inclusive quando você se cadastra para criar uma conta, cria ou compartilha conteúdo, envia mensagens ou se comunica com outras pessoas. Isso pode incluir informações presentes ou sobre o conteúdo que você fornece (como metadados), como a localização de uma foto ou a data em que um arquivo foi criado. Isso pode incluir também o que você vê por meio dos recursos que fornecemos, como nossa câmera, de modo que possamos realizar ações como sugerir máscaras e filtros de que você pode gostar, ou dar dicas sobre o uso de formatos da câmera.

Redes e conexões. Coletamos informações sobre as pessoas, Páginas, contas, hashtagse grupos com que você se conecta e sobre como você interage com eles em nossos produtos, por exemplo, as pessoas com quem você mais se comunica ou os grupos dos quais você faz parte.

Seu uso. Coletamos informações sobre como você usa nossos produtos, como o tipo de conteúdo que você visualiza ou com o qual se envolve; os recursos que você usa; as ações que você realiza; as pessoas ou contas com que você interage; e o tempo, frequência e duração das suas atividades.

#### **Google 4:**

3 Disponível em: <<https://www.facebook.com/about/privacy/update>>

4 Disponível em: <[https://www.gstatic.com/policies/privacy/pdf/20180525/853e41a3/google\\_privacy\\_policy\\_pt-BR.pdf](https://www.gstatic.com/policies/privacy/pdf/20180525/853e41a3/google_privacy_policy_pt-BR.pdf)>

Coletamos informações sobre sua atividade em nossos serviços e usamos tal informação para recomendar um vídeo do YouTube de que você pode gostar, por exemplo. As informações de atividades que coletamos podem incluir o seguinte:

- termos que você pesquisa
- vídeos que você assiste
- visualizações e interações com conteúdo e anúncios
- informações de voz e áudio quando você usa recursos de áudio
- atividade de compra
- pessoas com quem você se comunica ou compartilha conteúdo
- atividades em sites e apps de terceiros que usam nossos serviços histórico de navegação do Chrome que você sincronizou com a Conta do Google

Se você usa nossos serviços para fazer e receber chamadas ou enviar e receber mensagens, podemos coletar informações de registro de telefonia, como o número do seu telefone, número de quem chama, número de quem recebe, números encaminhados, horário e data de chamadas e mensagens, duração das chamadas, informações de roteamento e tipos de chamadas.

Constatamos assim que essas empresas deixam seu consumidor ciente de como todos seus movimentos feitos e serviços utilizados ficam registrados em sua base de dados, o que pode parecer um pouco assustador, visto que são ferramentas utilizadas muitas vezes para tratar de assuntos privados e delicados, fazer transações financeiras ou compras, compartilhar particularidades e opiniões fortes, detalhes da vida que podem causar sérios danos caso sejam expostos ou mal difundidos. O que não falta hoje são casos de pessoas que têm suas fotos e vídeos íntimos vazados e difundidos na rede, praticantes do que se denominou por *sexting* (ato de enviar, receber e encaminhar mensagens, áudios, imagens e filmes pessoais com conteúdo sexual explícito), esses indivíduos muitas vezes se tornam alvo de *cyberbullying* e recebem mensagens de ódio coletivo, causando graves prejuízos na saúde mental, carreira, estudos, entre outros, o que só faz aumentar os males em quem sofre de doenças modernas como depressão e ansiedade, culminando em casos extremos como o suicídio.

Apesar dessas companhias declararem que parte desses dados estão protegidos em sua responsabilidade, é preocupante que tamanha quantidade de informação esteja monopolizada por um pequeno grupo de pessoas.

Segue abaixo mais trechos da política de dados das empresas, agora sobre como tais dados podem ser compartilhados:

#### **Facebook<sup>5</sup>:**

Trabalhamos com parceiros externos que nos ajudam a fornecer e a aprimorar nossos Produtos ou que usam as Ferramentas de Negócios do Facebook para ampliar os negócios. Não vendemos nenhuma de suas informações para ninguém e jamais o faremos. Também impomos fortes restrições sobre como nossos parceiros podem usar e divulgar os dados que fornecemos. Aqui estão os tipos de terceiros com os quais compartilhamos informações:

- Parceiros que usam nossos serviços de análise.
- Anunciantes.
- Fornecedores e provedores de serviços.
- Pesquisadores e acadêmicos.
- Aplicação da lei ou solicitações legais.

#### **Google<sup>6</sup>:**

<sup>5</sup> Disponível em: <<https://www.facebook.com/about/privacy/update>>

Fornecemos informações pessoais às nossas afiliadas ou outras empresas ou pessoas confiáveis para processar tais informações por nós, de acordo com nossas instruções e em conformidade com nossa Política de Privacidade e quaisquer outras medidas de segurança e de confidencialidades adequadas.

Compartilharemos informações pessoais fora do Google se acreditarmos, de boa-fé, que o acesso, o uso, a conservação ou a divulgação das informações sejam razoavelmente necessários para:

- Cumprir qualquer legislação, regulação, processo legal ou solicitação governamental aplicável. Compartilhamos informações sobre o número e o tipo de solicitações que recebemos dos governos em nosso Transparency Report;
- Cumprir Termos de Serviço aplicáveis, inclusive investigação de possíveis violações;
- Detectar, impedir, ou lidar de alguma forma com fraudes, problemas técnicos ou de segurança;
- Proteger de prejuízos aos direitos, à propriedade ou à segurança do Google, dos nossos usuários ou do público, conforme solicitado ou permitido por lei.

Me parecem numerosas as condições em que essas informações pessoais são compartilhadas, e os motivos se aproximam entre as empresas, segundo elas, a maior parte da análise e processamento deste banco de dados é no intuito de promover a melhoria e inovação dos produtos e serviços oferecidos, além de prevenir danos à empresa e ao consumidor. Contudo, acontecimentos políticos recentes, como as últimas campanhas eleitorais para presidente dos Estados Unidos (ocorrida em 2016) e do Brasil (que está ocorrendo simultaneamente com o desenvolvimento deste trabalho), nos demonstram como o *big data* está sendo utilizado inclusive como meio para se alcançar o poder, afetando seriamente o panorama político mundial. A empresa por trás da campanha eleitoral on-line do atual presidente norte-americano Donald Trump, foi executada pela empresa Cambridge Analytica, que examinou mais 190 milhões de perfis cadastrados nas redes sociais, adotando a estratégia de, a partir dos dados privados, fazer um diagnóstico dos traços psicológicos de cada usuário, dividindo-os por padrões de comportamento, na finalidade de compreender qual tipo de discurso político seria mais eficaz para cada uma das categorias estipuladas. De acordo com artigo da BBC Brasil (MOTA, 2017), o candidato a presidência Jair Bolsonaro, se utilizou de ferramentas semelhantes em sua campanha, inclusive houve o contato com a Cambridge Analytica. Empresários apoiadores do candidato foram acusados bancarem o *spamming* (envio massivo de mensagens), via Whatsapp, de notícias atacando a oposição, o que acarretou em um bloqueio de centenas de milhares de usuários durante o período eleitoral, como visto em reportagem da Folha de S. Paulo (HOUS, 2018). Inclusive, um senador do Chile, Alejandro Navarro do partido País, apresentou a proposta de uma “Lei Bolsonaro” (a proposta pode ser vista em seu *website* oficial), que pretende destituir aqueles candidatos que disseminarem notícias falsas durante a campanha política. Para o senador é uma medida que visa proteger a integridade da democracia, ele afirma que as *fake news* são difíceis de combater, pois os eleitores se rendem à primeira impressão. Tais fatos salientam a capacidade real, daqueles que possuem infraestrutura tecnológica, de interceder no processo de representação mental contido a opinião pública e ao comportamento político geral, como já apontado por Castells (2004), visto que ambos os candidatos foram eleitos. Tais tendências presumem um efeito nocivo à democracia e aos direitos humanos, uma vez que ambos os candidatos já proferiram discursos inclinados ao fascismo, totalitarismo e retirada de direitos já conquistados por populações à margem da sociedade. Esse *modus operandi* sendo aplicado em diversos países, principalmente por partidos de extrema direita, além de contribuir para o crescimento de movimentos neofascistas.

O poder é exercido antes de tudo em torno da produção e difusão de nós culturais e conteúdos de informação: O controle sobre redes de comunicação se torna a

alavanca pela qual interesses e valores são transformados em normas condutoras do comportamento humano. (CASTELLS, 2004)

Um dos possíveis meios de evitar a proliferação tantos dados pessoais, seria uma “democratização” de conhecimentos avançados acerca de criptografia, assim muitos seriam capazes de proteger seus arquivos. Todavia, o Estado enxerga considera tal concepção como um ultraje a sua soberania, invocando o discurso de segurança preventiva, sempre utilizado pelos defensores da vigilância em massa. Com isso, inferimos o quão poderosa é a internet nas questões políticas atuais, e como esta modifica toda a tramitação pela disputa do poder, além de notar, que ultimamente grande parte das efervescências populares estão mais próximas de movimentos emocionais, estimuladas por acontecimentos de mídia, onde a diferença entre o que é boato, delírio ou fato político verídico é ínfima, o que contribui para nos encaminharmos progressivamente para uma política do escândalo, a qual as redes sociais oferecem solo fértil para seu alastro.

## 2. EXPLORAÇÃO

É indiscutível que passamos por um momento de transição do trabalho formal para o informal, muito em resultado da onda de desemprego causada pela automatização de várias funções, que antes exigiam esforço humano, sendo o trabalho informal, a principal resposta para esse desemprego estrutural. Outro ponto importante de se ressaltar é a crescente demanda por funcionários no setor de serviços, assumindo uma posição que pertencia à área industrial. O indivíduo do mundo atual, precisa se reinventar a cada instante para sobreviver no acirradíssimo mercado de trabalho, e um dos principais ingredientes de qualquer projeto que almeja sucesso, é ter uma imagem forte e preservada nas redes sociais, além de ter a capacidade de produzir conteúdo para o entretenimento de seus consumidores. Um contexto que surge da necessidade daqueles cidadãos que estavam inativos devido as suas demissões, ao contato com um campo de infinitas possibilidades e repleto de novas perspectivas que é o ciberespaço. Hoje já é possível identificar vários desdobramentos significativos em nossa sociedade, tratarei de discorrer sobre pontos que predominam, além de constatar casos que considero alarmantes, e outros que avaliei como positivos.

Estamos num cenário mundial marcado por uma flexibilização ilimitada, informalidade e precariedade das condições de trabalho. As empresas tendem a ser cada vez mais enxutas, reduzindo ao máximo o número de trabalhadores, e interligando seus setores através das redes possibilitadas pelos atuais mecanismos tecnológicos, tendendo para proposta de políticas neoliberais, que visam dar mais liberdade para os empresários negociarem as condições de trabalho com seus funcionários, o que pode causar a perda de muitos direitos por parte da classe trabalhadora. Sob circunstâncias que estão cada vez piores, a rotatividade de funcionários só aumenta, as pessoas já entram em seus novos empregos com pouca expectativa de um vínculo longínquo, é preferível adquirir experiência em vários estabelecimentos diferentes do que manter uma relação de décadas em um único serviço. Sendo assim, as práticas empreendedoras são impulsionadas, sendo a aposta de muitas pessoas, cativadas na esperança das várias oportunidades que podem surgir num mundo conectado, visto que o campo da produção imaterial (softwares, conteúdo digital, aplicativos, blogs, vlogs, podcasts) é o que mais gera novos empreendimentos. E mesmo quando a produção é material, a maioria se utiliza de recursos digitais, seja para propulsar vendas, organizar finanças e outras inúmeras utilidades. Portanto, é justamente a prevalência e valorização da produção imaterial, um dos fatores que vem provocando tamanhas mudanças nas relações de trabalho, incluindo a análise de dados tratadas anteriormente, que coloca os sujeitos numa situação de constante produção, mesmo em seus momentos de folga, uma vez que muitos estão conectados com seus aparelhos eletrônicos ao longo do dia, consequentemente rendendo dados.

Dentro dessa perspectiva de grande produção imaterial, surgem algumas posições de destaque, principalmente a dos influenciadores digitais, estes vem sendo o centro das atenções na mídia hoje em dia, devido à sua grande popularidade nas redes sociais são muito requisitados pelos publicitários em geral, por possuírem uma audiência cativa e um enorme alcance de visualizações. São hoje os responsáveis por ditarem as novas tendências e costumes em múltiplos tipos de entretenimento como: Jogos, vida fitness, culinária, jornalismo, humor, esportes, moda, etc. Graças à facilidade corrente do



acesso à rede, muitas pessoas que antes eram invisibilizadas, têm a chance de despontar como um destes influenciadores caso tenham uma pitada de sorte e um conteúdo que caia no gosto da população, isso pode ser apontado como um fator favorável em nossa sociedade, tomando em conta que há pouco tempo, os cidadãos de grande metrópoles e capitais tinham privilégio para alcançar tais condições. Temos no Brasil, segundo reportagem do G1 Alagoas (GUSTAVO, 2018), duas personalidades do interior nordestino, região anteriormente distante do sucesso na mídia nacional, entre os usuários do Instagram mais visualizados do mundo, Carlinhos Maia e Whindersson Nunes. Carlinhos é um influenciador digital, natural de Penedo – AL, e faz sucesso com seus vídeos mostrando o cotidiano de seus conterrâneos. Já Whindersson é um comediante e *youtuber*, natural de Palmeira do Piauí – PI, despontou com seus vídeos de humor no youtube, chegando a alcançar a marca de canal brasileiro com maior número de inscritos na rede social.

Outro ponto significativo que a internet pode trazer para a vida dos trabalhadores, é a criação de comunidades coletivas ligadas globalmente, onde independente do ofício ou função exercida, os atuantes da área podem trocar conhecimentos entre si, criar fóruns para discussão e solução dos problemas mais recorrentes, formando um coletivo que fortaleça as profissões, valorize competências locais e promova encontros como congressos e convenções.

Assim como surgem novos suportes para trabalhadores e coletivos que visam o bem humano, estes recursos, de mesmo modo, são vastamente utilizados por aqueles que se movimentam na ilegalidade. Vemos emergir na web um espaço amplo para o mercado de produtos e práticas ilícitas como: venda e distribuição de entorpecentes, documentos adulterados, contratos de sequestro e assassinato, cédulas de dinheiro falsificadas, cartões de crédito clonados, aparatos tecnológicos de invasão e vigilância, armamentos bélicos, órgãos do corpo humano, entre outros. Essas transações são facilitadas dentro da denominada *deep web*, que é o espaço da rede (inclusive, maior que a *world wide web*) que possui conteúdo sem indexação online, dificultando ao ponto de quase impossibilitar o rastreamento das páginas e de quem as acessa. Outra inovação que favorece este tipo de atividade, é o advento das criptomoedas, dentre elas a mais conhecida *bitcoin*, que oferece a possibilidade de fazer negócios no anonimato, se livrando dos controles e restrições dos bancos e governos. Cabe relevar também, as transformações que tiveram na indústria do sexo, um dos setores que mais se expandiram no mundo *on-line*, progredindo a situações que beiram o absurdo. Grande parte do que é produzido por esse ramo está disponível na net superficial, é acessível gratuitamente, a maioria dos smartphones já possuem navegadores que permitem este acesso, desta maneira vemos que é uma ação descomplicada, capaz de ser executada até por uma criança, levando a exposição precoce de muitas à conteúdo sexual explícito. Também se tornou mais fácil produzir conteúdo pornográfico, já que hoje quase tanto os computadores como celulares possuem recurso de câmera, foram criados vários sites onde os indivíduos podem se expor e receber dinheiro por isso, o que acaba sendo uma alternativa de renda para quem está disposto a este tipo de ocupação. Porém, isso abre margem para se cometer grandes abusos, chantagens em famílias e relacionamentos em troca de produção de conteúdo sexual para ajudar nas finanças. Agora se tratando da *deep web*, existem casos muito mais assustadores, como tráfico de mulheres e crianças, vídeos de pedofilia, violência doméstica, entre outras atividades repulsivas, que vão contra a dignidade humana. Notamos, portanto, que a internet também pode ser usada por vários setores da sociedade por puro interesse próprio, em contextos de injustiça social, corrupção política, extorsão, narcotráfico e guerra civil.

### 3. DEPENDÊNCIA

Ainda nesse viés, onde o principal meio de acessar e compartilhar informações é a internet e talvez o espaço virtual já seja o maior em termos de interação, esses locais virtuais que possibilitam tamanha comunicação, se tornam cada vez mais necessários, na medida em que a maioria das empresas e serviços públicos estão utilizando ferramentas cibernéticas. Portanto, maiores são as chances de um indivíduo conseguir alguma fonte de renda, seja um emprego ou um empreendimento, caso possua recursos tecnológicos como um notebook ou smartphone, ao seu alcance, permitindo que usufrua de provedores de e-mail e redes sociais que possibilitam esses novos modos de correspondência.

E de fato, ser excluído dessas redes, é sofrer uma das formas mais danosas de exclusão em nossa cultura e economia, já que atividades sociais, econômicas, políticas e culturais por todo o planeta estão sendo estruturadas ao entorno das redes de computadores. (CASTELLS, 2004).

Os *smartphone* e *notebooks* se tornaram objetos indispensáveis para aqueles que desejam manter uma vida comunicacional ativa, sem eles muitos indivíduos não conseguem mais acompanhar a rotina de diversos grupos que possam vir a participar, sejam eles de trabalho, lazer, família. E menos ainda, ingressar ou se interessar por novos, uma vez que a maioria destes grupos se organiza e compartilha seu conteúdo através das redes sociais.

Porém, hoje já podemos notar que o uso desmedido de tais aparelhos pode ser nocivo, evidenciando um transtorno que já é denominado como *nomofobia*, termo criado no Reino Unido (uma abreviação de *no-mobile-phone phobia*) em que muitos usuários acabam se tornando dependentes do mundo virtual, necessitam estar conectados para conseguir obter algum tipo de satisfação, e quando não estão apresentam perturbações em seu estado emocional, como: irritabilidade, ansiedade e depressão. Apesar de serem problemas relativamente novos, vem ganhando bastante destaque entre pesquisas comportamentais e de saúde mental, por claramente afetarem crianças, ambientes familiares, de trabalho, e principalmente jovens universitários, parte da população que possui os maiores índices de dependência, certamente devido à facilidade de acesso. Estudos indicam (PIROCCA, 2012) que um uso de 40 a 80 horas semanais já podem ser tidos como patológicos, e alguns dependentes permanecem em sessões de até 20 horas seguidas. Existem casos de dependência generalizada, onde o uso excessivo é multidimensional e a obsessão central é estar *online*. Agora, se tratando de dependências específicas, as atividades que mais incitam transtornos compulsivos nos usuários são os jogos eletrônicos, as redes sociais e os conteúdos sexuais, em virtude de proporcionarem meios de aprazimento imediatos, que tendem para a adição.

Abordando tais atividades, podemos apontar a manifestação da *ludomania* (Jogo patológico) no ciberespaço, como a mais notável, pelo enorme e crescente número de casos, seguramente a que mais cativa as crianças e adolescentes, podendo facilmente se estender até a fase adulta do adicto. O universo dos games está cada dia mais fascinante, proporcionando inumeráveis tipos de experiência no mundo virtual, desde as mais comuns como a rotina de um bairro classe média ou a de um motorista de caminhão, até aventuras fantásticas como fazer parte de uma patrulha espacial, ou de lendários guerreiros num mundo mágico. Juntando esses cenários sedutores a um sistema cativante de recompensas, obtém-se um ambiente propenso ao vício, e muitos jogadores chegam ao ponto de dar mais importância às suas relações e conquistas virtuais do que as do mundo material, passando a maior parte do tempo jogando, desencadeando graves sintomas como: perda de interesse por qualquer atividade que não seja online, abster-se de realizar responsabilidades e tarefas, retardar ao máximo as necessidades fisiológicas para economizar tempo e privação de relacionamentos com amigos e familiares. Já os dependentes das redes sociais, são mais difíceis de diagnosticar, por se tratar de ferramentas que compõem esferas do trabalho e dos estudos, é complicado se estabelecer um limiar entre seu uso saudável e prejudicial. Ainda assim podemos apontar algumas particularidades de seus dependentes. Em sua maioria, são sujeitos relacionados com níveis elevados solidão, ansiedade social, mau humor e baixa auto-estima, que avistam no ambiente interativo virtual formas de preencher tais carências e debilidades de sua realidade. Apresentam também uma condição psicológica conhecida como FoMO<sup>7</sup> (*Fear of Missing Out*), primeiramente identificada em 1996 pelo doutor Dan Hermann, e popularizada por Patrick McGinnis, em português algo como “medo de estar por fora”, movida ao excesso de informação sobre outras vidas expostas nas redes sociais, os que sofrem desta condição anseiam por estar sempre ligado às últimas novidades e estão sempre acompanhando as redes para este fim, muitas vezes se frustram, por não fazer parte de certo grupo ou por presumir que são dispensáveis e indiferentes, gerando sentimentos de insatisfação com a própria existência. Por fim, voltamos a falar sobre pornografia online, outra significativa questão, que também detém altos índices de dependência (majoritariamente entre os homens), por motivos semelhantes aos das redes sociais, prevalecendo a simplicidade de se acessar conteúdo sexual explícitos (com apenas um clique é possível adentrar

<sup>7</sup> Mais informações em: <<https://www.inc.com/peter-kozodoy/inventor-of-fomo-is-warning-leaders-about-a-new-more-dangerous-threat.html>>

inúmeros domínios repletos de imagens e vídeos pornográficos), tornando tal prática crescentemente mais comum entre crianças e adolescentes, hoje muitos tem seu primeiro contato com o sexo através da internet, o que pode se converter em um vício, dentre as suas principais consequências estão: dificuldade de sentir prazer com parceiros(as) reais, consumo de material perturbador ou antiético (pedofilia, zoofilia), tentativa de abuso com terceiros para satisfação de fetiches e até problemas físicos como disfunção erétil.

Sabendo-se que o número de usuários da internet tende a aumentar progressivamente, é importante que tenhamos uma preocupação maior em advertir a população sobre os riscos de seu uso desmedido, que acaba atrapalhando a rotina, hábitos e habilidades de que a utiliza com descuido. Comparando os conteúdos disponíveis, os quais são propensos a causar adições, aos conteúdos que tratam dos perigos e conscientizam os usuários dos perigos que a expansão do mundo online traz consigo, claramente percebemos que os últimos ainda são escassos, explanando um tema que precisa ser amplamente compartilhado e estar presente nos debates atuais para que tenhamos um ciberespaço mais saudável.

### **3. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Diante dessas considerações, contemplamos como o ciberespaço adentra de tal maneira em nosso universo que reformulamos várias partes de nosso ser, potencializando novas formas de comportamento e atuação na realidade. São tantas as mudanças no arranjo da convivência humana e nas condições sob as quais a vida é levada, que frequentemente nos vemos tomados por sensações estonteantes, na presença de situações que se revelam incompreensíveis, muito por somente nos habituarmos com as novas ferramentas que nos cercam, sem realizar as devidas reflexões sobre como estas estão sendo partilhadas e agindo sobre nossa existência. Já testemunhamos manifestações marcantes de como o universo em rede influenciou e vêm influenciando os principais eventos de nosso contexto histórico, além de permear quase todos os espaços de comunicação, de transações econômicas, de aprendizagem e de diversão das sociedades.

Enfim, foi possível esclarecer alguns pontos essenciais e ter uma boa noção de como a cibercultura já é obsoleta na humanidade. Visto que o tema tratado é amplo, alguns pontos julgados como cruciais foram priorizados, aqueles que estão presentes e agindo sobre grande parte de nosso âmbito cultural, e consequentemente o transformando de um modo geral. Um fenômeno que age sobre forma de fazer política (reinventando e abusando da tecnocracia), altera a nossa economia desviando o foco de sua produção (material - imaterial), e nos torna subordinados a seus recursos e ferramentas (chegando à níveis de dependência patológicos), certamente deve ser pesquisado com afinco, na intenção de entender melhor a sociedade que estamos construindo e a nós mesmos. Provavelmente é um dos assuntos que mais cativam os jovens hoje em dia, dado o tamanho sucesso de produções de conteúdo que o abordam. Logo, se tratando de ambientes universitários é um dos 'papos' recorrentes. Porém, presumo que a produção acadêmica (na área de humanas) ainda caminha em passos curtos, são projetos que comumente não seguem adiante por ainda não terem um embasamento teórico consolidado (por ser um tema novo, que se transfigura de forma veloz), ou por falta de instigação por parte daqueles que distribuem os projetos e pesquisas, ocasionalmente resignados às infinitas discussões e métodos dos célebres pensadores antigos e modernos.

### **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

BAUMAN, Zygmunt. Modernidade Líquida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

CASTELLS, Manuel. A galáxia da Internet: reflexões sobre a Internet, os negócios e a sociedade. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2003.

CASTELLS, Manuel. A sociedade em rede. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

NAVARRO, Alejandro. "Vamos a presentar 'Ley Bolsonaro' para destituir a candidatos que difundan noticias falsas". Senador Alejandro Navarro Brain, Chile, 23 out 2018. Disponível em: <<http://www.navarro.cl/vamoa-a-presentar-ley-bolsonaro-para-destituir-a-candidatos-que-difundan->

[noticias-falsas/](#)>

FACEBOOK. Política de Dados. 19 abr 2018. Disponível em: <<https://pt-br.facebook.com/about/privacy/update>>

GOMES, Helton Simões. Brasil tem 116 milhões de pessoas conectadas à internet. G1, Brasil, 21 fev 2018. Disponível em: <<https://g1.globo.com/economia/tecnologia/noticia/brasil-tem-116-milhoes-de-pessoas-conectadas-a-internet-diz-ibge.ghtml>>

GOOGLE. Política de Privacidade do Google. 25 mai 2018. Disponível em: <[https://www.gstatic.com/policies/privacy/pdf/20180525/853e41a3/google\\_privacy\\_policy\\_pt-BR.pdf](https://www.gstatic.com/policies/privacy/pdf/20180525/853e41a3/google_privacy_policy_pt-BR.pdf)>

GUSTAVO, Derek. Alagoano Carlinhos Maia tem 2º maior nº de views no Instagram Stories no mundo em Junho. G1 Alagoas, Brasil, 02 ago 2018. Disponível em: <<https://g1.globo.com/al/alagoas/noticia/2018/08/02/carlinhos-maia-tem-2o-maior-no-de-views-no-instagram-stories-no-mundo-em-junho.ghtml>>

HOUS, Débora Sögur. Whatsapp bane centenas de milhares de contas por uso irregular do aplicativo. Folha de S. Paulo, Brasil, 20 out 2018. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/10/whatsapp-bane-100-mil-por-uso-irregular-do-aplicativo.shtml#erramos>>

INTERNET World Stats. World Internet Users Statistics and 2018 World Population Stats. 30 jun 2018. Disponível em: <<https://www.internetworldstats.com/stats.htm>>

KEMP, Simon. Digital in 2018: World's internet users pass the 4 billion mark. We Are Social, 30 jan 2018, Nova Iorque, Estados Unidos da América. Disponível em: <<https://wearesocial.com/blog/2018/01/global-digital-report-2018>>

LEBRE, Lúcia Teresa Sampaio Branco. Big Data no Marketing Político de Eleições. 25 mar 2018, Portugal. Disponível em: <<http://www.psicologia.pt/artigos/textos/A1186.pdf>>

LÉVY, Pierre. O Que é o Virtual? Rio de Janeiro: Editora 34, 1996.

LÉVY, Pierre. Cibercultura, Rio de Janeiro: Editora 34, 1999.

MOTA, Camilla Veras. Robôs e 'big data': as armas do marketing político para as eleições de 2018. BBC Brasil, 26 set 2017. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-41328015>>

PINTO, Sandra Lúcia Aparecida; SOUZA, Luciana Cristina de. Tecnologia e trabalho na era da informação. Scientia Iuris, Londrina, v. 21, n. 3, p.99-124, nov. 2017. Disponível em: <<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/iuris/article/viewFile/28248/22326>>

PIROCCA, Caroline. Dependência de internet, definição e tratamentos: revisão sistemática da literatura. Monografia (Especialização) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012. Disponível em: <<https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/40120/000826609.pdf?sequence=1>>

SHIRKY, Clay. Little Rice: Smartphones, Xiaomi, and the Chinese Dream. Estados Unidos da América, Columbia Global Reports. 2015.